



Mulheres denunciam que seus Territórios, Corpos e Espíritos estão sendo invadidos¹

No dia 9 de agosto de 2019, 1500 mulheres de 130 povos indígenas deixaram suas aldeias para ir à capital brasileira participar do I Fórum de Mulheres Indígenas e fazer a I Marcha de Mulheres Indígenas, maior ato em 519 anos, em defesa da Mãe Terra e da garantia do direito territorial. A liderança indígena Sonia Guajajara comenta:

“Para nós, a vinda à Brasília é mais que simbólica: tem todo um sentido histórico e principalmente político, porque aqui está sendo realizado o maior ato das mulheres indígenas em 519 anos. Viemos marcar esse posicionamento frente a essa política genocida, etnocida e ecocida do governo Bolsonaro. A gente não veio aqui fazer propostas para o governo, viemos reforçar esse posicionamento: a gente não vai aceitar esse projeto que está matando nosso povo e destruindo o meio ambiente”.

Enquanto as mulheres indígenas estavam reunidas em Brasília, a *Folha de S. Paulo* noticiou que fazendeiros do entorno da BR-163, no sudoeste do Pará, haviam anunciado o dia 10 de agosto como “o dia do fogo”. O Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) registrou nas horas seguintes uma explosão dos focos de incêndio na região. Segundo dados divulgados pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), entre janeiro e agosto, as queimadas aumentaram 83% em relação a 2018. Foram mais de 70 mil focos de incêndio entre janeiro e agosto registrados pelo INPE no país. O Mato Grosso é o estado que lidera a lista, com mais de 13 mil incêndios.

Em meio a este cenário de destruição, diversas manifestações em defesa da Amazônia estão sendo convocadas. Confira a compilação dos atos no Brasil e no mundo: <http://psol50.org.br/confira-a-agenda-de-atos-em-defesa-da-amazonia-neste-fim-de-semana/>

Campanha Nosso Corpo Nosso Território

A campanha, cuja realização foi estratégia acordada na plenária do VII Fórum Social Panamazônico e Andino, que aconteceu em Tarapoto, em maio de 2017, teve uma de suas primeiras mobilizações em

¹Matéria publicada no site do SOS Corpo - Instituto Feminista para a Democracia à época da I Marcha das Mulheres Indígenas, realizada em Brasília/DF, em agosto de 2019. Disponível em: <https://soscorpo.org/?p=8628>. Acesso em 5 out. 2020.



território brasileiro durante o I Fórum de Mulheres Indígenas, que, em consonância com a campanha, teve como tema “Território: nosso corpo e nosso espírito”

Para as indígenas espírito, corpo e território são elementos inseparáveis. “O território é o chão que sustenta nosso corpo; e o corpo, o lugar que abriga nosso espírito e o espírito é o que traz os encantamentos e toda a força pra gente fazer as lutas”, explica Guajajara. Para os povos tradicionais, não há separação entre espírito, corpo e território, só conexões. “Toda a nossa cultura vem sustentada pela ancestralidade”, diz.

A campanha foi apresentada no Fórum por Inara Saterê Maué, ativista da Articulação de Mulheres Brasileiras e lembrou as parentas sobre a conexão intensa entre as mulheres e a terra: “O mundo amazônico é uma mulher!” E questionou os presentes: “Mas como é que a gente tá cuidando das mulheres? Toda vez que uma mulher sofre violência, a Terra tá sendo violentada também”, alertou a indígena. Ela encerrou a apresentação convocando todas a se olharem nos olhos, firmando o compromisso de engajamento nas mobilizações pela vida das mulheres indígenas, seus corpos territórios e espíritos. No final, todos entoaram a música “A terra é meu corpo, a água é meu sangue, o ar é meu sopro, o fogo é meu espírito”, tocaram a terra e se molharam com a água preparada pela indígena para simbolizar a proteção de todos.

Leia sobre como foi o lançamento da campanha no I Fórum de Mulheres indígenas: <http://soscorpo.org/campanha-internacional-em-defesa-de-nossos-corpos-e-nossos-territorios-e-lanc-ada-no-i-forum-nacional-das-mulheres-indigenas/>

Por que nos mobilizamos?

Nós, mulheres indígenas, quilombolas, negras, do campo, cidades, florestas e águas, reconhecemos a violência que nos impacta em suas diversas formas e que se agrava nesses tempos com a apropriação de nossos corpos e invasão de nossos territórios por empresas extrativistas.

Persistem as práticas e mentalidades machistas, racistas e capitalistas que não reconhecem a igualdade dos nossos direitos e capacidades, que causam feminicídios e criminalizam nossas lutas em defesa dos nossos corpos, territórios e bens naturais.

O Estado, em vez de nos proteger, autoriza essas ações e incentiva essas mortes, deixando a maioria dos crimes na impunidade.



O que queremos?

Denunciar as múltiplas violências contra as mulheres que defendem a natureza e os direitos humanos.

Evidenciar as empresas que extraem os bens comuns da humanidade para sua exploração em busca de mais poder econômico, violentando os corpos das mulheres e os territórios, em particular, das defensoras.

Revelar a cumplicidade dos Estados que criminalizam as resistências, através de assédio, encarceramento, desaparecimentos e assassinatos de mulheres e homens, arrasando com a democracia, direitos humanos, culturas e formas de vida de populações em nossos territórios.

Atuar diante do despejo dos territórios e terras de milhares de mulheres em nossas Américas em nome de um “desenvolvimento” que significa extermínio de identidades e culturas ancestrais.



Manifesto

As mulheres da América Latina e do Caribe e irmãs de outros territórios estamos enfrentando ameaças crescentes e sistemáticas as nossas vidas, do poder que é nutrido pelo patriarcado, pelo colonialismo e pelo sistema econômico neoliberal que busca exterminar o nosso direito de sermos soberanas dos nossos corpos e dos nossos territórios.



O patriarcado, o capitalismo, o racismo e a lesbofobia estruturam as desigualdades que vivemos na sociedade e no sistema político com mecanismos renovados de dominação, como a interdição a uma maior participação política.

Este poder neoconservador que se associa ao capital e bebe da cultura machista e racista que impregna nossas sociedades, diante da debilidade e com a anuência de Estados comprometidos com o mercado, está disputando espaços em comunidades, cidades e países para impor seus modelos de ser homem, mulher, casal e família em função de seus interesses, despojando de sua condição humana e de seus direitos, todas as pessoas que exercem suas liberdades.

As condições de vida das mulheres são as mais afetadas por esse contexto de desigualdade e por um modelo que expropria nosso tempo e o invisibiliza nas complexas relações de família, de produção e de organizações mistas.

Chegamos ao ponto em que a igualdade de gênero é criminalizada, assim como os direitos de diversidade sexual, o aborto, a educação sexual integral e o acesso à contracepção de emergência, nossas culturas ancestrais, nossas crenças originárias, nossa própria visão de mundo livre de violências e discriminações, que desejamos alcançar.

As mulheres e os corpos feminizados, especialmente as defensoras de direitos, resistimos a essa ofensiva fundamentalista que ativa novas estratégias de opressão e controle para submeter as nossas vidas. Os Estados e suas instituições têm demonstrado ser incapazes de frear essa guinada e garantir os direitos que emanam de suas leis a níveis nacional e internacional.

Nos últimos anos temos sido testemunhas nos nossos países de uma brutal intervenção do sistema capitalista neoliberal e patriarcal nos nossos territórios e nossos corpos. O crescimento econômico tem trazido, com o aval dos atuais governos, um avanço caótico de nossas diferentes atividades e da exploração da terra e da água, sem atenção com a vida, a cultura, a cosmovisão dos povos indígenas.

As extrativistas transnacionais têm gerado conflitos sociais nos territórios da nossa América Latina e do Caribe, na última década; têm criminalizado OS protestos, perseguindo, encarcerando, fazendo desaparecer e assassinando as mulheres e homens das nossas comunidades como Maxima Acuna, no Peru, Bertha Caceres, em Honduras.



É necessário, nós mulheres, desde os lugares em que atuamos, sonharmos e lutarmos, não apenas resistir, mas responder articuladamente, sem dispersar-nos, para romper com esses acordos de poder que tentam nos disciplinar e nos submeter as suas ordens.

Nossos corpos e nossas comunidades são territórios que defenderemos dos fundamentalismos religiosos e econômicos, das botas militares e do sistema patriarcal e colonialista que nos explora, nos expropria e nos violenta.

Por isso, propomos lançar uma campanha internacional, a ser assumida em cada país, em defesa dos nossos corpos e nossos territórios, diante do avanço dos fundamentalismos religiosos e econômicos, e do sistema patriarcal que nos explora, nos expropria e nos violenta.

**Diversas em luta!
Coesas pela autonomia
de nossos corpos e
nossos territórios.**